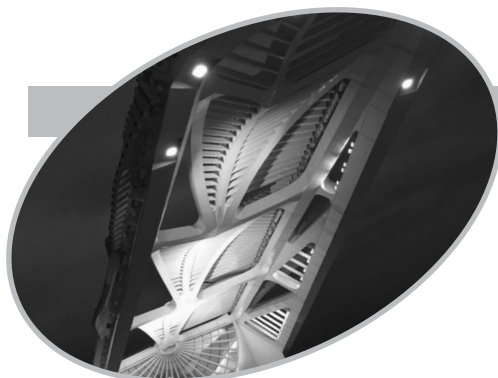


O que é comunicação?



José Luiz Braga

*Doutor em Comunicação pela Université de Paris II
(Institut Français de Presse)*

*Docente titular no Programa de Pós-graduação
em Comunicação da Universidade Federal
do Vale dos Sinos (Unisinos)*

E-mail: jbraga@unisinos.br

Resumo: Este artigo é uma transcrição de uma das palestras da 6ª Aula Magna de Referência Interprogramas e abertura do Seminário Quinta Essencial, realizado em 2016. O texto parte do princípio de que a pergunta orientadora do Seminário, “O que é Comunicação?”, não concerne apenas aos interessados em Epistemologia, mas a todos os pesquisadores da Área. A questão é desmembrada em três níveis. O primeiro, epistemológico; o segundo, teórico-metodológico; o terceiro, tático.

Palavras-chave: Epistemologia, metodologia, pesquisa.

¿Qué es la comunicación?

Resumen: Este artículo es una transcripción de la clase inaugural de la 6ª Clase Inaugural Interprogramas y Abertura del Seminario Quintesencial, que tuvo lugar en 2016. El texto asume que la pregunta guía del seminario, “¿Qué es la comunicación?”, no se refiere sólo a los interesados en la epistemología, sino a todos los investigadores de la Área. La pregunta central es dividida en tres niveles. Lo primero, epistemológico se refiere al estudio de los fundamentos del conocimiento. El siguiente nivel, teórico y metodológico. El tercer nivel, táctica.

Palabras clave: Epistemología, métodos, investigación.

What is communication?

This text is a transcription of one of the 6th Interprogramas Keynote Lecture, and also the opening of the Quintessential Seminar, in 2016. It proposes that the Seminar’s theme, ‘What is Communication?’, does not concern only epistemology experts, but to everyone in Communication Research. It proposes three levels to answer the question. First, the epistemological level. Second, the theoretical and methodological level. Third, the ‘tactical’ level.

Keywords: Epistemology, methods, research.

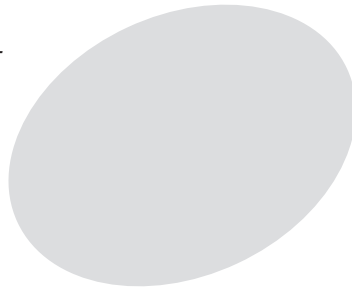
Sobre o tema desta aula – “o que é comunicação” – eu gostaria de assinalar que responder a essa pergunta, na verdade, não incumbe a grupos específicos de pesquisadores, como se apenas epistemólogos e filósofos, geradores de teorias, pudessem se exprimir a respeito. Essa questão incumbe a absolutamente todos nós, professores, pesquisadores, mestrandos, doutorandos da área, em nossa diversidade. Estamos todos trabalhando igualmente nessa questão. Minha fala pretende ser uma demonstração de que não só incumbe a todos nós, mas de uma forma geral, estamos mesmo tentando responder a essa pergunta.

Com relação à segunda parte do título desta mesa de debate, «trajetórias epistemológicas», devo dizer que não tenho a sensação de trilhar um percurso pessoal dentro do campo de estudos. Observo, mais que um percurso, um ponto de vista (às vezes flutuante) em que me situo e diante do qual, por todo o meu período de pesquisador na área, vejo passar vertiginosamente uma diversidade extraordinária de questões.

Percebo no nosso trabalho, de pesquisadores da comunicação, três níveis principais

que se confundem em nossas ações. A cada decisão de pesquisa, a cada pergunta de investigação, a cada aspecto teórico, metodológico, prático, esses três níveis se confundem, apesar de poderem ser abstratamente distinguidos. Primeiro, temos um nível epistemológico, o mais alto da questão. Nele, vamos encontrar reflexões sobre o conhecimento produzido, sobre seus fundamentos. É o nível das visadas programáticas e dos sistemas de pensamento.

Se permanecemos estritamente dentro do modelo que corresponde às áreas teóricas da oferta, não conseguimos contribuir para o avanço do conhecimento comunicacional



Depois, num segundo nível, que podemos chamar de teórico-metodológico, temos as estratégias de conhecimento em uma grande área de estudos. No nosso caso, a área das ciências humanas e sociais. E aí são feitas as reflexões teóricas, a produção de conjecturas. É o nível das posições assumidas sobre teoria e pesquisa.

Finalmente, temos um nível tático, que é propriamente o nível da abordagem material, do exercício de técnicas de observação, da obtenção de dados, que implicam desde uma construção do problema até a busca de indicadores e o trabalho de interpretação. É o nível de tomadas de decisão de ordem prática, em cada pesquisa singular que desenvolvemos.

Quando fazemos um trabalho de pesquisa, esses três níveis oferecem e cobram ações, mutuamente. O nível epistemológico oferece sistemas e grandes metas para os outros dois níveis; e cobra destes uma sistematização segundo essa proposição de sistemas.

O nível metodológico oferece características e descobertas sobre o fenômeno em estudo, para serem articuladas ao nível epistemológico. Por outro lado, cobra uma fundamentação articuladora. Para o nível tático, oferece questões de horizonte, oferece objetivos e lógicas abrangentes; e cobra, por sua vez, perguntas e objetivos específicos.

O nível tático e investigativo, do trabalho prático da pesquisa, oferece situações indeterminadas, oferece perspectivas práticas, pistas, índices, dados de observação. Cobra padrões e protocolos.

Isso não aparece em nossas pesquisas de um modo sequenciado, como se devêssemos seguir uma lista de ações; mas na forma de uma ida e volta intensiva entre os três níveis.

O que é possível perceber quando cotejamos uma disciplina em vias de constituição, como a comunicação; com disciplinas constituídas, como a sociologia, a linguística, a psicologia, a história? Quando estudamos questões epistemológicas, teóricas e metodológicas, nas disciplinas estabelecidas, tendemos a organizar a pesquisa a partir de uma linha epistemológica bastante definida. Em uma disciplina em vias de constituição, como é o caso da Comunicação, as articulações e os tensionamentos sobre esses três níveis são diferenciados.

Aqui passo a referir uma experiência pessoal, no que se refere a decisões metodológicas. Tanto no mestrado como no doutorado, tive o que poderia chamar de uma formação teórico-metodológica canônica, com ênfase em teoria, e em uma metodologia teórica dependente de um corpo de conhecimentos bem estabelecido e sistematizado, na perspectiva da aprendizagem. É por isso, inclusive, que tenho a tendência, ao organizar um quadro como este referido, em três níveis de organização da pesquisa, de apresentar primeiro o nível epistemológico, depois o nível teórico-metodológico, e finalmente o nível tático, material. Durante essa formação, no entanto, e mesmo depois dela, tive alguns momentos de perplexidade metodológica, em decorrência dessa sequência.

No doutorado, quando estudei o “Pasquim e os anos 70”, percebi a necessidade de montagem metodológica *ad hoc* para poder trabalhar com tudo o que o objeto me trazia. Tratando da história de um jornal dos anos 1970, com suas características políticas, eu tinha questões teóricas e portanto metodológicas no nível de teoria da notícia; e também pelo ângulo da política, em pelo menos três âmbitos diferentes: da política do país, à época, das políticas de imprensa de interesse geral, e da situação de uma imprensa alternativa. Tinha, naturalmente, questões de conhecimento histórico; questões hermenêuticas e de interpretação de texto; questões metodológicas referentes a estudos de caso; e ainda outras, adicionais, em perspectiva econômica, artística, psicológica. Constatei que não havia a menor possibilidade de costurar abstratamente uma abordagem teórico-metodológica previamente estruturada para esse conjunto.

A metodologia foi se desenvolvendo contrariamente àquela formação canônica que tinha recebido no mestrado e que se repetia no próprio doutorado, pela qual eu chegaria ao objeto a partir de um sistema de conhecimento bem fundamentado, que daria o direcionamento abstrato para a montagem de uma metodologia teórica fornecedora das questões de horizonte, com as quais eu chegaria então a meu objeto.

Foi necessário improvisar decisões metodológicas, sempre fazendo referências a teorias diversas – selecionando nelas aspectos que me aproximassem de meu objeto; mas sobretudo partindo da realidade deste para fazer perguntas (e ter dúvidas) que organizassem os ângulos de observação e descrição. Ao mesmo tempo, o próprio esforço descritivo gerava perguntas. O resultado disso (que procurei deixar expresso ao redigir a tese), é que o capítulo metodológico é o capítulo final do texto. Em vez da formulação mais habitual – e tive a sorte de contar com um orientador que aceitou esse processo de discussão, o professor Maurice Mouillaud – decidi apresentar o capítulo metodológico

ao final, para evidenciar que ele se elaborou no andamento das observações empíricas e das primeiras inferências. A tese começa pela indicação de um problema, mas não falo aí, absolutamente, da metodologia abstrata para enfrentar esse problema. Trabalho o Pasquim por vários ângulos e, aos poucos, vou montando a pesquisa, de tal forma que seria falso apresentar os encaminhamentos ao início, como se eles tivessem direcionado os passos da pesquisa – quando na verdade a metodologia é a descrição dos passos dados. A metodologia foi antes um resultado da pesquisa que seu eixo direcionador. O verdadeiro eixo era o problema empírico.

Quando colegas do Programa de Mestrado da UnB me ofereceram a disciplina de Metodologia de Pesquisa, em 1987, uma segunda perplexidade me apareceu, como consequência da extraordinária variedade de projetos empíricos dos estudantes e de campos teóricos relacionados. Eu já tinha ficado perplexo com o conjunto de teorias de que eu precisava para trabalhar o meu objeto, e agora passava a ter 10 a 15 projetos diferentes com os quais deveria interagir. Continuei dando essa disciplina tanto na UnB quanto na Unisinos, onde estou agora, e calculo que de então até hoje devo ter trabalhado com cerca de 400 projetos de pesquisa diferentes. A sensação que eu tive, no início, era de ter que voltar à universidade para fazer graduações em antropologia, sociologia, ciência política, história, economia, linguística e filosofia.

Na comunicação, por ainda não termos um quadro sólido de fundamentação, de sistematização das grandes ideias da área, pedimos de empréstimo referências, intensivamente, a todas essas disciplinas. Uma adoção extensiva das ofertas epistemológicas e teórico-metodológicas de todas as ciências humanas e sociais é o que leva à impressão – que considero equivocada – de que somos estruturalmente uma ciência interdisciplinar.

Não sou contra essa importação, que na verdade é necessária e pode ser produtiva. Mas devemos trabalhar as teorizações

oferecidas pelas demais ciências humanas e sociais em perspectivas que as aproximem da comunicação. As perspectivas epistemológicas e teórico-metodológicas realmente nos oferecem aquilo que podem oferecer, e com elas encontramos respostas mais rápidas nos campos teóricos de encaixe em que inscrevemos nossos objetos. O problema é que esses campos teóricos cobram o seu pedágio. Lembro que não há apenas ofertas de um nível para outro, mas também cobranças. As teorias e metodologias oferecidas envolvem estratégias de conhecimento que devem ser obedecidas. Correspondem a sistemas e métodos que devem ser adotados. São fundamentos epistemológicos que têm que ser assumidos. Organizam sistemas de pensamento a serem servidos. E assim, recebemos o que queremos efetivamente receber, mas passamos a trabalhar diretamente nas fileiras da ciência da qual fizemos a importação. Se permanecemos estritamente dentro do modelo que corresponde às áreas teóricas da oferta, não conseguimos gerar muita contribuição para o avanço do conhecimento comunicacional. Isso é um problema, porque se queremos fazer contribuições significativas para a sociologia ou para a linguística, o lugar mais adequado e produtivo para essa contribuição seria um departamento de sociologia ou de linguística.

Evidentemente, temos pouco pensamento epistemológico em comparação com as ciências constituídas – na verdade não tão pouco assim, porque em contrapartida possuímos certa diversidade. O problema é que essa diversidade, apesar de rica, é dispersa. Não conseguimos ainda tensionar muito eficazmente, entre nós pesquisadores, essa diversidade. Não se trata de unificar a diversidade, trata-se de tensionar, porque através do tensionamento conseguimos efetivamente avançar. Todos os momentos em que tenho a oportunidade e a experiência de tensionar diferentes pontos de vista percebo que meu próprio ponto de vista se aperfeiçoa, se desenvolve. E isso é positivo para a área – que

seus pesquisadores, através do debate reflexivo com os colegas e seus textos, desenvolvam argumentos, seja para articular ideias antes separadas, seja para aprofundar a percepção, diante do desafio trazido pelas proposições dos que apresentam inferências diferentes. O que nós temos como insuficiência, no espaço de conhecimento comunicacional não corresponde a uma escassez de perspectivas – há propostas excelentes dentro da área. A insuficiência é de articulação.

O nosso problema, portanto, é o da dispersão. Como podemos enfrentá-la? Claro que um dos espaços possíveis é a reunião de epistemólogos e teóricos debatendo proposições teóricas e sistemas filosóficos. Mas uma parte que incumbe a toda a área é essa oferecida pelo nível tático. O nível tático trabalha essencialmente com problemas empíricos que, devemos assumir enquanto pesquisadores, não serão resolvidos nem pela sociologia, nem pela linguística, nem pela psicologia, nem pela filosofia, ainda que utilizemos todos os aportes que pudermos trazer dessas áreas. O que não podemos é esperar que qualquer dessas áreas resolva genericamente os problemas comunicacionais. Em suma, devemos importar tudo o que seja necessário dessas outras áreas de conhecimento – mas, além disso, temos a obrigação de encontrar ainda o que não é respondido *nem perguntado* ali. Temos que fazer outras perguntas.

Trabalhando no nível tático podemos gerar as perguntas que essas outras áreas não farão; e que terão maior probabilidade de serem perguntas propriamente comunicacionais. Acredito que uma área como a nossa deve, assim, inverter aquela sequência que vem do epistemológico para o teórico-metodológico, e deste para o nível tático. Perceber a necessidade de dar uma atenção especial ao nível tático e fazer o movimento inverso. Não se trata, certamente, de *permanecer* no nível tático. Este seria outro risco, o de acantonar as pesquisas singulares cristalizadas no nível tático. O valor do nível tático não está em permanecer nele, mas na inversão

daquela sequência. Eu tenho que partir do nível tático, fazer o esforço do desenvolvimento teórico-metodológico, e a partir daí chegar ao nível epistemológico.

É claro que nesse momento a metodologia se torna tentativa, experimental, e acredito que isso é que se torna produtivo numa área nova. Digo com frequência a meus estudantes: se compararmos a situação dos estudos comunicacionais com a sociologia, é como se estivéssemos em torno de 1850 – nos momentos iniciais da constituição de um conhecimento. Isso é uma oportunidade extraordinária, de pesquisar em uma área que

ainda não está pronta. Essa oportunidade me parece o principal atrativo de sermos, hoje, pesquisadores no campo da comunicação.

Nessa perspectiva, considero que “comunicação” é ainda aquilo que chamamos de comunicação no senso comum – nesse espaço, não precisa ser explicada. Sabemos todos usar com pertinência essa palavra. Nosso trabalho, como pesquisadores da comunicação, observando os usos do senso comum, é o de desenvolver (certamente com apoio no conhecimento disponível nas ciências sociais e na filosofia), uma verdadeira disciplina de conhecimento.

(artigo recebido ago.2016/aprovado nov.2016)

Referências

- BRAGA, J. L. **O conhecimento comunicacional**: entre a essência e o episódio. No prelo.
- BRAGA, J. L. Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. In: LOPES, M. I. V.; MOURA, C. P. (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 77-98.

